IV SIES
Simpósio Internacional de Educação Sexual:
Feminismos, identidades de gênero e políticas públicas
De 22 a 24 de abril de 2015
Local: UEM

REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: TEORIZAÇÕES E AÇÕES PEDAGÓGICAS

Fabiane Freire França
Universidade Estadual do Paraná Campus de Campo Mourão-PR

RESUMO

O objetivo deste artigo é verificar de que maneira as políticas públicas e as teorizações sobre gênero e sexualidade são abordadas em uma escola pública da cidade de Campo Mourão-PR. Pesquisas evidenciam que apesar das problematizações sobre gênero e sexualidade há ainda muitas práticas discriminatórias, sobretudo, na escola. Neste sentido, problematizamos: Como transformar as teorizações e representações sobre gênero em ações pedagógicas no ambiente escolar? A nossa metodologia está ancorada em uma pesquisa dialógica que propõe articular a formação inicial de estudantes de Pedagogia à formação continuada de professores/as da Educação Básica, bem como a iniciação científica de alunos/as do Ensino Médio. Consideramos que o diálogo entre esses/as agentes pode ser um caminho para a efetivação das teorizações sobre gênero nas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação Básica; Gênero; Sexualidade; Representações.

INTRODUÇÃO

De acordo com Joan Scott (1995) ,o termo gênero, como uma categoria útil de análise, compõe os estudos feministas no inicio da década de 1980, e tem sido pesquisado desde a teoria marxista até a pós-moderna e/ou pós-estruturalista. Levando em consideração que os movimentos feministas apresentam posições teóricas e políticas distintas em alguns pontos, a autora conclui que não há um marco preciso dessa corrente. Cabe destacar que, no presente artigo os conceitos

de gênero e sexualidade serão referenciados pela vertente dos Estudos de Gênero e da Teoria das Representações Sociais.

Louro (1997, 2007) evidencia que a vertente dos Estudos de Gênero propõe desconstruir o argumento social de que as diferenças biológicas justificam os papéis de mulheres e homens, uma vez que gênero é definido com base nos elementos relacionais entre ambos. Não são as características sexuais, mas sua representação e/ou valorização que constroem as identidades femininas e masculinas.

Por isso evidenciamos a necessidade da articulação entre as várias maneiras de ser homem, de ser mulher. Há um leque de conceitos que precisam ser abordados, repensados, questionados e o espaço escolar nos parece um campo profícuo para esse diálogo.

Ao encontro destas discussões Sandra Jovchelovitch (2008) evidencia que existem saberes que são considerados mais legítimos que outros, dentre eles o saber científico produzido por homens brancos. Nesta direção, a autora apresenta a Teoria das Representações Sociais como possibilidade de compreender a diversidade do saber e de como estes saberes são legitimados e objetivados ao longo da história. Os saberes científicos legitimados por um grupo de homens brancos são questionados e problematizados também pelos Estudos de Gênero que propõe outras histórias narradas do ponto de vista das mulheres, de negros/as, índios/as, pobres, dentre outros grupos que representam sujeitos que por suas diferenças foram marginalizados.

Quando professores e professoras abordam o saber científico escolar com a ausência de problematizações sobre a construção destes saberes como representações sociais, a produção de conceitos pode limitar-se a uma naturalização e reforçar valores hegemônicos que repercutem na formação da identidade dos sujeitos em formação. Deste modo, o problema principal deste artigo se expressa na seguinte questão: Como transformar as teorizações e representações sobre gênero em modos de fazer pedagógicos no ambiente escolar? É notória a existência de Políticas Públicas e uma quantidade considerável de teorizações, porém, essas literaturas se mostram ausentes no ambiente escolar em

forma de discussões para se repensar as práticas pedagógicas. Nessa direção, temos como objetivo verificar de que maneira as políticas públicas e as teorizações sobre gênero são abordadas em uma escola pública da cidade de Campo Mourão e para tanto, produzir estratégias metodológicas sobre gênero e sexualidade com estudantes de pedagogia, professores/as da Educação Básica e alunos/as de Iniciação Científica do Ensino Médio.

GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: PARA QUÊ?

Ao fazer um levantamento de teses e dissertações, bem como de materiais produzidos acerca de gênero notamos que existe uma quantidade considerável de materiais didáticos (BRASIL, 2007; BRASIL, 2010) para pensar a formação docente sobre gênero. Por isso passamos a indagar se estes materiais chegam às escolas e como são trabalhados. De acordo com Madureira (2010, p. 55) “há um longo caminho a ser percorrido das políticas públicas atuais na área de gênero e sexualidade até o plano das práticas cotidianas”. Com base no antropólogo Roberto DaMatta a autora explicita que a sociedade brasileira confere um peso significativo de respeito às hierarquias e valores que são compartilhados pelas famílias e amigos/as que pressupõem distinções e desigualdades de direitos entre os indivíduos. Por isso, a autora sugere que as concepções, crenças e práticas culturais de vários grupos sejam investigadas e conhecidas mediante pesquisas de campo com olhar interdisciplinar.

Em pesquisa recente (FRANÇA, 2011; 2014), e reforçando a justificativa de aprofundamento sobre a temática gênero e representações sociais, as respostas fornecidas por 18 educadoras (de uma escola pública municipal de Campo Mourão) a um questionário definem uma maneira polarizada e rígida da compreensão que as docentes e funcionárias da escola têm sobre sexo, gênero e sexualidade. Com base no questionário 44% das participantes compreendem o seu sexo, seu gênero e sua sexualidade como respectivamente feminino, mulher e heterossexual. Enquanto 29% das participantes compreendem seu gênero como feminino, 16% incluem sua

sexualidade como mulher e 11% das educadoras não respondem o que compreendem por seu gênero e sua sexualidade.

Vale conceituar a articulação social binária entre os conceitos de sexo, gênero e sexualidade. Historicamente e socialmente foi legitimado que ao nascer macho (que representa o sexo), o homem será masculino (gênero) e terá uma predisposição heterossexual (sexualidade). A mesma cobrança ocorre com as fêmeas (sexo) mulheres que devem ser femininas (gênero) e heterossexuais (sexualidade). Quando essa "lógica" binária não ocorre os sujeitos considerados diferentes e desiguais sofrem discriminações e preconceitos. Todavia, como explicita Louro (2007) e Weeks (2007) as identidades humanas são plurais e envolvem muitas outras articulações e recombinações.

E por que realizar a pesquisa na escola? O levantamento de artigos e dissertações sobre o assunto evidenciou a necessidade de trabalhar com docentes e discentes, ao levar em consideração que suas práticas podem legitimar determinadas identidades de meninos e meninas, marginalizando e reprimindo outras, sobretudo, na formação inicial dos/as estudantes. As posturas do/as professores/as influenciam a formação da identidade de seus alunos e alunas, repensar seus conceitos de gênero por meio de uma perspectiva dialógica, discussões teóricas e práticas, portanto, seria um caminho.

Oliveira e Amâncio (2006) destacam as representações sociais produzidas no campo da Psicologia Social como uma epistemologia dialógica. Este foi um projeto de análise promovido por Moscovici (2011) que questiona as análises cartesianas de um sujeito individual, racional e que produz verdades. Tal projeto, abrange um triângulo semiótico que postula a produção do saber sempre vinculada a existência de um outro (social), como já citado por Jovchelovitch (2008): eu, outro, objeto mundo.

Woodward (2007) e Silva (2007) evidenciam que as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos símbolos pelos quais são representados. Assim como a representação é definida por Moscovici (2011) a autora salienta que a representação atua simbolicamente para classificar objetos e as relações entre o eu,

o outro e o mundo. A identidade é relacional, tanto simbólica, quanto social e depende do outro para saber o que não é. Ser uma mulher é ser “um não homem”, ser um homossexual é ser um “não heterossexual”, sendo a identidade marcada pela diferença.

Para Woodward (2007) a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos, sendo os significados produzidos, e consequentemente nossas posições como sujeito. Com base nesses significados produzidos pelas representações damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. A autora sugere ainda, que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2007, p. 15).

Para Giroux e McLaren (1999, p. 143) as escolas incorporam representações e práticas sociais que podem promover ou inibir ações humanas que compreenderiam a convivência com a diferença e a diversidade. Nesse sentido, os autores salientam a importância da linguagem na construção da experiência e subjetividade no espaço escolar, afinal, “[…] relacionada ao poder, a linguagem não apenas posiciona professores e alunos, mas também funciona como veículo por meio do qual eles definem, mediatizam e compreendem suas relações uns com os outros e com a sociedade mais ampla”.

A compreensão de como construímos nossas identidades, nossas crenças e valores pode abrir espaço para questionar como são produzidas as histórias, memórias e narrativas sobre o “eu” e o “outro”. Se educadores e educadoras compreenderem as histórias, as experiências e as linguagens de distintos grupos terão maior possibilidade de compreender as diferentes leituras, comportamentos e respostas de seus alunos e alunas (GIROUX e MCLAREN, 1999).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os encaminhamentos metodológicos desta pesquisa pressupõem um caráter qualitativo, ao averiguar que discussões teóricas chegam à escola pública e nesta direção, articular a teoria de gênero à prática cotidiana do espaço escolar. Como explicita Bogdan e Biklen, (1999) a pesquisa qualitativa possibilita a realização de

uma atividade que localiza o/a observador/a mediante práticas e representações sociais que fornecem uma visão de mundo.

E como adentrar o espaço escolar e dialogar com docentes e discentes sobre gênero e sexualidade, temas considerados tão polêmicos? Com a intenção de problematizar essas temáticas propomos um projeto aos/às agentes educacionais de uma escola estadual da cidade de Campo Mourão-PR. Realizamos grupos de estudos (caracterizado como círculos dialógicos) com estudantes de Pedagogia, docentes da Educação Básica e alunos/as de iniciação científica do Ensino Médio[1]. A seleção dos sujeitos participantes da pesquisa ocorreu pelo seu aceite voluntário seguindo os preceitos dos termos éticos da pesquisa. O convite foi feito a três acadêmicas do curso de Pedagogia que aceitaram fazer parte do projeto e que já tinham concluído pesquisas de Iniciação Científica sobre a temática. Os/as três alunos/as de Iniciação Científica do Ensino Médio aprovados na seleção que também aceitaram fazer parte dos grupos de estudos e incorporar as discussões aos seus planos de atividades.

O primeiro critério para a seleção da escola e realização desta pesquisa foi o contato com o Núcleo Regional de Educação da cidade de Campo Mourão-PR. Este processo já foi realizado em pesquisa anterior (FRANÇA, 2011; 2014) e envolveu diálogos com um dos técnicos do núcleo responsável pelos contatos com escolas que têm interesses em temáticas sobre diversidade. Foi estabelecido um contato prévio com a escola interessada na pesquisa e realizamos um convite com a apresentação do projeto.

Um dos conceitos centrais presentes nos encontros foi exatamente a condição de dialogicidade. Accorssi (2011) e Marková (2006) interpretam a dialogicidade como uma prática coletiva que favorece a dinâmica e a coexistência de saberes. Tal interpretação oriunda da TRS é convergente com o diálogo proposto por Paulo Freire em seus círculos de cultura.

[1] O Programa de Iniciação Científica Júnior é voltada à orientação de pesquisas para estudantes do Ensino Médio que atendeu à chamada pública 26/2012 da Fundação Araucária com a finalidade de ampliar a articulação entre istituições do Ensino Superior com o Ensino Médio para favorecer o aprendizado desses estudantes.

> A atitude dialógica implica intercâmbios baseados no mútuo reconhecimento entre interlocutores/as diferentes em que os parceiros lutam para estabelecer comunicação e para lidar com os muitos obstáculos frequentemente associados a este processo. A atitude dialógica na pesquisa foi baseada tanto no ato de ouvir o *outro* e permitir a expressão máxima possível do campo quanto na constante avaliação de como a realidade do campo abala e redefine a hipótese de trabalho, a teoria e os pressupostos do/a pesquisador/a (FRANÇA, CALSA, 2015, p.154).

Jovchelovitch (2008, p. 252) cita o educador Paulo Freire (1987) e sua metodologia de alfabetização de adultos como um exemplo metodológico de encontros dialógicos entre diversos conhecimentos. “A pedagogia do Oprimido de Freire, cuja contrapartida é uma pedagogia da autonomia, constitui um *corpus* teórico e prático sobre a estrutura dos encontros entre diferentes saberes, expresso no encontro entre educador e educando”.

Realizamos o levantamento dos materiais e livros de gênero e sexualidade utilizados na escola, bem como encontros quinzenais com os/as agentes educacionais no decorrer do ano de 2013 a 2014 para estabelecer os diálogos sobre a literatura acerca da temática gênero e sexualidade. Foram utilizados diários de campo com o intuito de problematizar preconceitos e crenças pré-estabelecidas sobre gênero e sexualidade. Por fim estabelecemos uma pesquisa investigativa sobre a efetivação de práticas que envolvam estas discussões. Os sujeitos participantes da pesquisa foram três professores/as da Educação Básica, três alunos/as do Ensino Médio e três acadêmicas do curso de Pedagogia.

A TEORIA EM AÇÃO: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As discussões foram iniciadas pelo levantamento de materiais sobre gênero e sexualidade presentes na escola. Um dos professores participantes da pesquisa, também diretor da escola, respondeu previamente que havia na escola apenas os

Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), pouco abordado nas salas de aula. Sendo assim, a orientação da escola aos/as docentes era que buscassem participar de projetos e leituras para melhor compreenderem tais relações no cotidiano escolar.

Embora existam diversos cadernos temáticos, projetos, livros didáticos voltados à formação docente nesse âmbito, vale destacar que foi somente nos anos de 1980 que no Brasil gênero e sexualidade começaram a ser discutidos mais abertamente em algumas escolas e universidades (sobretudo nos programas de pós-graduação). Até então, nas escolas, quando os temas relativos à sexualidade apareciam no currículo, ficavam circunscritos às áreas de Ciências ou, eventualmente, à Educação Moral e Cívica. Os cadernos de Temas Transversais, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – BRASIL, 1998) para o Ensino Fundamental, publicados pelo MEC em 1998, foram a única referência oficial de tratamento das temáticas relativas a gênero no campo educacional (VIANNA; UMBEHAUM, 2006; FRANÇA, 2014). Esse dado evidencia ainda mais a necessidade de pesquisas, leituras e ações nesses espaços para a luta e efetivação de documentos oficiais e políticas públicas para tais discussões.

No primeiro encontro com os/as docentes, estudantes e acadêmicas foi apresentado o objetivo da pesquisa e a proposta de organização de um grupo dialógico em que os/as integrantes ficassem a vontade para explicitarem suas reflexões, angústias, interpretações e leituras. Foram organizados sete encontros ao longo do ano com todo o grupo e encontros individuais com os alunos/as da Iniciação Científica Júnior.

Convidamos as acadêmicas de Pedagogia a apresentarem seus projetos e suas experiências com a iniciação científica. Explicitaram que o trabalho de campo realizado em suas pesquisas abriu possibilidade de acesso ao espaço escolar, desde a sala de aula à sala dos/as professores/as. Foram observadas situações nos pátios, corredores, em vários momentos: nos horários de entrada, durante os intervalos e no período de saída da escola. Durante as discussões, representações

que eram relatadas pelas alunas vivenciadas em outro espaço escolar convergiam com as destacadas no grupo de docentes e estudantes.

Para fluidez das discussões e andamento das pesquisas, sugerimos que cada docente, em diálogo com uma das acadêmicas do curso de Pedagogia e com um dos/estudantes do Ensino Médio selecionassem temas e problematizações do cotidiano para a organização de três pesquisas.

Foram apontados alguns dos desafios e dos anseios que a escola enfrenta ao trabalhar essa temática no ambiente escolar: 1) a resistência da família e da comunidade; 2) as práticas de preconceito ocorridas entre os/as estudantes no ambiente escolar e 3) as ações de bulliyng dentro do espaço escolar estão relacionadas à sexualidade e identidade de gênero. Nesse sentido, foram pensados os três encaminhamentos dos projetos de Iniciação Científica do Ensino Médio com a colaboração docente, das acadêmicas e nossa. Passamos a descrever brevemente cada uma das pesquisas e quais suas contribuições para a efetivação de ações pedagógicas sobre gênero e sexualidade na escola e na comunidade.

UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL DE JOVENS NAS FAMÍLIAS DO JARDIM TROPICAL II DE CAMPO MOURÃO

Apesar das discussões na atualidade a respeito da sexualidade na juventude, podemos considerar, ainda, muitos limites a serem vislumbrados sobre esta temática na instância familiar e escolar. Um dos fatores de maior impacto para a não realização de um trabalho efetivo sobre sexualidade no ambiente educacional refere-se à resistência das famílias. Consideramos aqui como jovens[2] os/as estudantes entre 15 e 17 anos que estiveram envolvidos nas pesquisas.

Neste sentido, com o intuito de aproximar a pesquisa científica à Educação básica, lançamos como objetivo geral, dessa pesquisa de Iniciação Científica Junior,

[2] Embora o foco dessa pesquisa não seja o conceito de juventude, destacamos aqui, com base em pesquisas anteriores (SASSO; FRANÇA, 2014), a produção do jovem como um ser plural. Abramovay; Castro (2006) analisa como uma etapa da vida produzida por referências sociais, culturais e históricas.

investigar as representações culturais das famílias de alunos e alunas de uma escola pública da cidade de Campo Mourão. Em vista disso questionamos: O que pensam as famílias sobre a sexualidade e educação sexual? Para tanto, como pressuposto metodológico de nossa pesquisa realizamos uma entrevista semi-estrutura com pais, mães e responsáveis de alunos e alunas da referida instituição escolar. Assim, foram entrevistadas 50 famílias da unidade espacial definida – correspondente a 5% do total.

Todavia, os resultados demostraram a necessidade do aprofundamento da coleta de dados entre os próprios estudantes de 15 a 17 anos, uma vez que percebemos nuances e conflitos entre as representações dos jovens nas discussões realizadas e os dados coletados com os responsáveis. Como exemplo, a orientação sexual no meio familiar e escolar.

A pesquisa realizada, ainda que de iniciação científica júnior, permitiu a produção de dados, a partir das representações dos jovens e seus pais e responsáveis, que dinamizam os debates sobre gêneros e sexualidade no ambiente escolar. Sobretudo, quando os dados coletados e analisados indicam o conflito de informações a respeito da orientação sexual no núcleo familiar e escolar. Consideramos que o levantamento dessas representações forneceu maior suporte para a abertura de possibilidades sobre a discussão de gênero e sexualidade no ambiente familiar e por extensão no espaço educacional.

A PESQUISA CIENTÍFICA E SUAS INTERLOCUÇÕES COM A EDUCAÇÃO BÁSICA: PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

As discussões sobre a distância entre a pesquisa científica e a educação básica são muitas. Por esse motivo a preposição dessa outra pesquisa de Iniciação Científica Júnior teve como objetivo investigar nas práticas escolares temas que precisam ser repensados e dialogados no cotidiano escolar.

Nessa direção, a questão norteadora foi configurada da seguinte maneira: quais as principais práticas que geram preconceito e discriminação no ambiente

escolar? A metodologia esteve ancorada na pesquisa ação-participativa (Costa, 2002) que propõe a análise de narrativas escolares no bojo das relações de poder existentes no espaço investigado e nas suas relações entre os grupos: professores, alunos/as, funcionários/as, estagiários/as.

A hipótese de nossa pesquisa considerava que muitas das brincadeiras e piadas discriminatórias e preconceituosas no espaço escolar referiam-se às discussões sobre gênero e sexualidade. Os dados coletados confirmaram que a maioria das formas discriminatórias tem como foco a orientação sexual diferente dos padrões comumente aceitos pela sociedade.

A PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA; DISCUSSÕES NECESSÁRIAS SOBRE O *BULLYING*

A prática de *bullying* é considerada como um comportamento agressivo entre crianças, adolescentes e jovens estudantes. O termo *bullying* não teve uma tradução para o português justamente por ser um conceito amplo sobre a violência entre estudante em diversos países. Essa pesquisa de Iniciação Científica Junior teve como objetivo investigar as principais práticas de *bullying* em uma escola pública da cidade de Campo Mourão.

É perceptível que muitas destas práticas estão relacionadas as discussões de gênero, sexualidade, etnia, religião, classe social, dentre outras. Por isso o recorte da nossa pesquisa foi investigar as principais práticas agressivas entre os estudantes acerca dos discursos de gênero e sexualidade. A nossa metodologia foi organizada mediante a coleta de dados com observação participante e registros em caderno de campo. Consideramos que levar as investigações científicas sobre temas como estes à educação básica podem desencadear em práticas de prevenção da violência em diversos sentidos, dentre eles o de gênero.

Os resultados dessa pesquisa apontaram para a discriminação dos sujeitos destoantes do binarismo sexo, gênero e sexualidade adequados à sociedade, isto é, se o sujeito é homem, deve ser macho, masculino e heterossexual, se é mulher,

deve ser fêmea, feminina e heterossexual. Os sujeitos que não se enquadram neste perfil sofrem práticas de *bullying.*

A pesquisa proporcionou ferramentas para que os alunos envolvidos tenham uma nova abordagem sobre a temática, bem como provocou discussões sobre o tema Bullying, possibilitando novos horizontes e perspectivas para as turmas envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inquietações sobre gênero, provocadas pela falta de discussões tanto na graduação quanto nas escolas, instigaram-nos a trabalhar com o tema. Vale ressaltar que as pesquisas apontadas não buscaram justificar erros ou acertos na prática pedagógica ou mesmo levar respostas prontas ao contexto escolar sobre o gênero e sexualidade. O processo de coleta de dados, as discussões bibliográficas, os grupos de estudos com docentes e estudantes da graduação e da Educação Básica nos propiciaram crescimento pessoal e acadêmico. Por isso apresentamos a pesquisa, assim como Bujes (2002), como um (des)caminho, caminhos que se fazem ao caminhar e não pretendemos concluí-los, mas dar continuidade.

A pluralidade de concepções sobre um mesmo tema, o caráter dinâmico das concepções coletivas e individuais que atendem a necessidades de ordem econômica, social e cultural, bem como afetivas e intelectuais também podem ser considerados conteúdos apresentados aos/às participantes e envolvidos nas pesquisas.

Para finalizar, além dos tópicos destacados, ressaltamos a repercussão dialógica da integração dos estudos com as acadêmicas do curso de Pedagogia, com os/as docentes e com os/as estudantes. Essa articulação produziu alguns resultados obtidos nas pesquisas de iniciação científica sugerindo a relevância de novos estudos e experimentos voltados a gênero e sexualidade nas mais diversa instâncias. Como assinala Ribeiro (2012) não há o que terminar quando não se tem fim.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (coord.). **Juventude, juventudes**: o que nos une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006.

ACCORSSI, Aline. **Materializações do pensamento social sobre a pobreza**. 184 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação Psicologia Social. PUCRS. Porto Alegre, 2011.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sara. **Investigação qualitativa em educação.** Uma introdução à teoria e métodos**.** Porto: Porto Editora, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Cadernos Secad 4. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**, Brasília: SECAD, 2007

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia**: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2015.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (11-34)

COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 91-115.

FRANÇA, Fabiane Freire. CALSA, Geiva Carolina. A problematização dos saberes de gênero no ambiente escolar: uma proposta de intervenção à formação docente. **Revista Antíteses**, UEL, Londrina, v. 4, n. 7, 2011 p. 203-222.

FRANÇA, Fabiane Freire. **Representações Sociais de gênero na escola: diálogo com educadoras**. 2014. 186 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2014.

FRANÇA, Fabiane Freire. CALSA, Geiva Carolina. A contribuição da dialogicidade de Paulo Freire aos Estudos de Gênero e à Teoria das Representações Sociais: um relato de experiência. . In: MILITÃO, S. C. N.; DI GIORGI, C. A. C.; MILITÃO, A. N.; FRANCISCO, M. V.; LIMA, M. R. C.. (Orgs.). **A atualidade de Paulo Freire frente aos desafios dos século XXI**. Curitiba: CRV, 2015. p. 153-163.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**.13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIROUX, Henry A.; McLAREN, Peter. Formação do professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: SILVA, T. T. da; MOREIRA, A. F. (Orgs.); tradução de Maria Aparecida Baptista. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paul: Cortez, 1999b. p. 125-154.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Psicologia Social).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. In: GALINKIN, Ana Lúcia; SANTOS, Claudiene (Ords.). **Gênero e psicologia social**: interfaces. Brasília, DF: TechnoPolitik, 2010. p. 31-63.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, João, AMÂNCIO, Lígia. Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para psicologia social. In: **Revista Estudos Feministas**, nº 14, vol. 3, Florianópolis, Set./Dez., 2006. (Disponível em http://www.scielo.br)

RIBEIRO, Claudia Maria. “Tecendo...” na UFLA. In: RIBEIRO, Claudia Maria. **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos de educação infantil**. Lavras: UFLA, 2012.

SASSO, Andrea Geraldi; FRANÇA, Fabiane Freire. Jovens em espaço de educação não formal: quais são as representações de gênero? In: **Congresso Nacional de Educação (Anais)**, 2014. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_18_07_2014_17_44_55_idinscrito_2385_6e9aa608a68ffc5d75de8d31afa705fc.pdf Acesso em: 10 abr. 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, V. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 73-102.

VIANNA, Claudia; UNBEHAUM, Sandra. Gênero na educação básica: quem se importa? Uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 27, p. 407-428, maio/ago. 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO. G. L. (Org.). **O corpo educado***:* pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72.

ABSTRACT

The purpose of this article is to check how public policies and theories on gender and sexuality are discussed in a public school in the city of Mourão -PR field. Polls show that despite the problems found about gender and sexuality there are still many discriminatory practices, especially in school. In this sense, we question : How to turn the theories and representations of gender in educational activities at school? Our methodology is anchored in a dialogic research that is intended to link the initial formation of pedagogy students to the continuing education of teachers the Basic Education as well as undergraduate students the high school. We believe that the

dialogue between these the agents can be a way for the realization of theories on gender in teaching practices.

Key words: Basic Education, Gender, Sexuality, Representations.